

ESTUDO DE CASO: UM GRUPO TERAPÊUTICO PELO OLHAR DA GESTALT- TERAPIA

Cristiane Couto¹

Maria Luisa de Macedo²

Resumo: Apresenta-se um estudo teórico analítico sobre grupo terapêutico realizado em serviço-escola de uma universidade comunitária do sul do Brasil. O grupo Mulheres em Foco tem cerca de seis anos de existência no serviço. Nesse período foi coordenado sempre por dois/duas estagiários/as de Psicologia, havendo renovação de pelo menos um deles a cada semestre, conforme a conclusão de estágio. O grupo é aberto, com possibilidade de ingresso de novas participantes, respeitando o número de vagas. As participantes têm idade a partir de 40 anos, com demanda para psicoterapia em grupo. Geralmente as mulheres são encaminhadas pelo próprio serviço, mas também podem vir da rede pública de saúde. Apresentam-se aspectos sobre os atendimentos, percepções da estagiária sobre o processo grupal e são desenvolvidas compreensões sobre o grupo baseadas nos pressupostos teóricos da Gestalt-terapia. Esta abordagem fundamenta-se em uma perspectiva fenomenológico-existencial, com sua visão de sujeito como um ser único e singular, constituído na relação com seu meio, por isso em constante interação, por onde se dão os afetos. Além da compreensão sobre o trabalho com grupo terapêutico, são pontuadas as intervenções realizadas e alguns dos desafios encontrados pela estagiária. São feitas considerações sobre o trabalho grupal com mulheres como potência de vida, pensado com um viés das políticas públicas. Esta modalidade de intervenção mostra-se um recurso importante e viável, que pode servir como espaço de promoção e produção de saúde.

Palavras-chave: Grupo terapêutico. Gestalt-terapia. Políticas públicas de saúde. Promoção de saúde da mulher.

Abstract: A theoretical analytical study on a therapeutic group carried out in a school service at a communitary university in southern Brazil is presented. The group Women in Focus has been happening for around six years. During this period, it was always coordinated by two psychology interns, with renewal of, at least one of them, each semester, according to the conclusion of the internship. It is an open group, with the possibility of entering new participants, respecting the number of places available. Participants are over 40 years old, with issues for group psychotherapy. Women are usually invited to participate of the group by the service itself, but they can also come from the public health system. Aspects about the attendance, the intern's perceptions about the group process and understandings about it are presented based on the theoretical assumptions of Gestalt-therapy. This approach is based on a phenomenological-existential perspective, with its view of an individual as a unique and singular being, constituted in the relationship with his environment, therefore in constant interaction, where affections occur. In addition to understanding the work with the therapeutic

¹ Estagiária no Serviço Integrado de Saúde, cursando Estágio Integrado em Psicologia IV com Ênfase em Políticas Públicas do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS. Graduada em Serviço Social.

² Supervisora e orientadora acadêmica de estágio no Serviço Integrado de Saúde do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS. Psicóloga Clínica e Educacional, Especialista em Saúde Pública, Ma em Desenvolvimento Regional.

group, the interventions and some of the challenges encountered by the intern are shown in this study. Some considerations about group work with women are made here as a power of life, thought with a bias in public policies. This type of intervention proves itself to be an important and viable resource, which can serve as a space for health promotion and production.

Keywords: Therapeutic group. Gestalt therapy. Public health policies. Promotion of women's health.

INTRODUÇÃO

O grupo terapêutico é uma modalidade de atendimento oferecido pelo Serviço Integrado de Saúde (SIS), serviço-escola da Universidade de Santa Cruz do Sul, além do atendimento individual. A comunidade tem a oportunidade de acompanhamento em um espaço coletivo de interação, em que a prática busca a socialização, integração, apoio psíquico, trocas de experiências e de saberes, construção de projetos coletivos, entre outros. Assim, dentre as muitas formas de grupos, a depender dos objetivos e da metodologia, podem-se constituir no SIS grupos que ofertam a psicoterapia. (UNISC, 2019)

Seguem considerações sobre o trabalho realizado junto ao Grupo Mulheres em Foco, que se deu de Março a Dezembro de 2019, como atividade do Estágio Integrado em Psicologia. Ao todo o grupo tem cerca de seis anos de existência no serviço, coordenado por uma dupla de estagiários, sendo possível ingresso de novo estagiário a cada semestre, a fim de dar continuidade à coordenação compartilhada, quando um dos membros da equipe, via de regra, conclui o estágio. Também podem variar as participantes, pois o grupo é aberto.

Como critério de inclusão, as participantes devem ter idade a partir de 40 anos, com demanda para psicoterapia em grupo. Geralmente as mulheres vêm encaminhadas pelo próprio serviço ou de outros locais da rede de saúde.

Além de serem apresentados aspectos sobre os atendimentos, percepções da estagiária sobre o processo grupal, também serão desenvolvidas compreensões sobre o processo grupal baseadas nos pressupostos teóricos da Gestalt-terapia. Ao abordar os trabalhos com grupos, esta abordagem apresenta uma perspectiva fenomenológico-existencial, com sua visão de sujeito como um ser único e singular, constituído na relação com seu meio, por isso em constante interação por onde se dão os afetos.

Além de apresentar compreensões sobre o trabalho com grupo terapêutico, são pontuadas as intervenções realizadas e alguns dos desafios encontrados pela estagiária. São feitas considerações sobre o trabalho grupal como potência de vida, pensado com um viés das

políticas públicas. Esta modalidade de intervenção mostra-se um recurso importante e viável, que pode servir como espaço de promoção e produção de saúde.

O GRUPO “MULHERES EM FOCO”

O Grupo tem como objetivo principal possibilitar às mulheres um espaço de reflexões que promovam o crescimento e desenvolvimento psicológico e social, proporcionando um ambiente de escuta, apoio e expansão das relações interpessoais saudáveis. O grupo conta com dois estagiários de Psicologia como mediadores. São realizados encontros semanais com duração de uma hora e meia. Nestes encontros, é criado espaço para a fala e a escuta, em que a circulação da palavra precisa ocorrer de forma acolhedora e cuidadosa. As intervenções dos terapeutas acontecem de acordo com a identificação da demanda pelo grupo, assim, cada encontro é único e com suas especificidades.

O funcionamento do grupo

Inicialmente percebeu-se que o grupo possuía um jeito próprio, naquele momento sua dinâmica baseava-se num clima de cooperação e empatia, as mulheres já se conheciam, uma delas permanecia no grupo desde seu início. No primeiro momento o grupo contava com oito integrantes com idade entre 56 e 70 anos, trazendo suas histórias de vida atravessadas por sofrimento advindo de situações diversas, dificuldade em lidar com os afetos, conflitos nas relações, incongruência consigo e com o outro, gerando sintomas ansiosos, depressivos, dissociativos, entre outros.

O que traz as mulheres ao grupo é a perspectiva de poder reinventar-se, sair diferente de como estavam quando chegaram. Alguns relatos demonstram que o grupo tem papel significativo na vida das mulheres. Neste espaço podem se expressar, sentem-se compreendidas, identificam-se umas com as outras.

Com a entrada de nova estagiária o Grupo Mulheres em Foco adquiriu outra constituição. No primeiro semestre de 2019 houve também o retorno de uma antiga participante ao grupo. Nas primeiras sessões apresenta sintomas ansiosos, o que inicialmente demanda do grupo atenção e capacidade de acolhimento.

Com uma nova configuração, trabalhou-se o contrato terapêutico, estabelecendo as combinações, especialmente quanto à importância da garantia do sigilo, ao cumprimento das

normas do serviço, quanto ao pagamento (contribuição espontânea), ao número de faltas, (quando necessário devem ser justificadas), entre outras.

Mesmo que já existissem intrinsecamente, as regras do grupo não haviam sido registradas. Juntamente com as participantes do grupo elaborou-se uma lista de combinações a ser considerada de modo mais formal, sendo elas: respeitar o sigilo do grupo; usar o tempo de fala de forma responsável, de maneira que todas possam falar e ser ouvidas; os assuntos devem ser trabalhados no grupo, para que todas possam participar e contribuir; valorizar quando a outra participante está falando, evitando conversas paralelas; evitar faltas, quando houver, há necessidade de comunicar o SIS previamente; respeitar os horários.

Logo nos primeiros encontros com a nova estagiária, com base nos relatos do estagiário antigo que se manteve na coordenação partilhada, pode identificar-se que o grupo vinha sendo utilizado pelas mulheres mais como um espaço de encontro social, o aspecto terapêutico se limitava à interação com pouco espaço para intervenções terapêuticas, em que as mulheres se reuniam para um “bate papo”. Isso serviu para que se pudesse pensar o trabalho dali em diante. O resgate do trabalho mais voltado às questões emocionais e psicológicas foi provocado através da utilização de recursos expressivos. As vivências foram bem aceitas pelas participantes.

Intervenções realizadas

De acordo com Figueroa (2015) várias técnicas ou experimentos podem ser utilizados trazendo benefícios ao trabalho com grupos, podendo ser favoráveis no que tange ao principal objetivo da terapia gestáltica, de desenvolver/ampliar o processo de *awareness*. Nos encontros do grupo, sempre que possível, procurou-se propor atividades com música, manuseio de material colorido, leituras de pequenos textos, técnicas de imaginação guiada, desenho livre, entre outros. As atividades eram propostas como recursos expressivos, com o objetivo de servir de disparadores para a fala e reflexão das integrantes do grupo. Seguem algumas das atividades desenvolvidas.

A Roseira: atividade adaptada do livro Tornar-se Presente,

Feche os olhos e presentifique o seu corpo. Desvie sua atenção de fatos exteriores, e observe o que está acontecendo dentro de você. (...) Agora gostaria que você imaginasse que é uma roseira. Torne-se uma roseira e descubra o que é ser esta roseira... Deixe sua fantasia se desenvolver e veja o que pode descobrir sobre a roseira... Que tipo de roseira você é? ... Onde você cresce? ... Como são suas raízes? ... Em que tipo de chão você está enraizada? (...) Continue a descobrir mais detalhes sobre a sua existência como roseira, como você se sente em relação a sua vida e o que acontece com você... (STEVENS, 1971, p. 62-63).

A partir da imaginação da roseira cada participante pode falar sobre como foi sua vivência, pensamentos e sentimentos que emergiram, como se perceberam diante dos elementos que imaginaram. Pode-se notar que elas conseguiram construir a imagem e identificar-se com ela, “minhas raízes estão lá em Santa Catarina, onde eu queria estar agora” disse uma das mulheres do grupo, “minha roseira tem muitos espinhos, alguns galhos secos e tristes” disse outra participante. Uma das participantes fala de sua roseira como algo que lhe faz falta, após descrevê-la diz que irá plantar uma roseira no jardim de sua casa, esta vive um processo de luto pela morte do filho, no encontro seguinte vem vestindo uma blusa com rosas vermelhas, diz que lembrou da atividade e resolveu “vestir as rosas”. Essa experiência marcou a estagiária, pois mostra o quanto um experimento pode facilitar o contato com sentimentos e emoções, produzindo sentido a partir da vivência.

Construção coletiva de cartaz: é posto no centro do círculo uma cartolina em branco e canetinhas coloridas. A orientação foi que aquele cartaz deveria ser totalmente preenchido pelas integrantes do grupo, utilizando as canetinhas coloridas sem que nenhum traço pudesse sobrepor o traço já existente no papel. Ao som da música a tarefa inicia com facilidade, mas à medida que o papel vai sendo preenchido, exige mais atenção e cautela.

A dinâmica do trabalho e o resultado estético ao final agrada as mulheres. Inicialmente acham muito difícil cumprir a tarefa seguindo as regras propostas, mas reconhecem que cada uma fez seu melhor. São convidadas a expressar como se sentiram ao longo da experiência, facilidades e dificuldades.

É feita uma reflexão, orientada pela estagiária coordenadora do grupo, a partir da analogia com as relações, em que as participantes mencionam que nem sempre é fácil conviver sem interferir diretamente na maneira de ser do outro. As particularidades do outro devem e precisam ser respeitadas assim como as suas, para que se consiga conviver melhor. As mulheres olham para o desenho abstrato e identificam algumas imagens, como de um coração, uma estrada, um rosto, etc.

Ao final tem-se o cartaz colorido produzido coletivamente, uma figura inédita, contendo o esforço possível de cada uma das participantes. Foi enfatizado que o grupo tem potencialidade para produzir algo único, cujo resultado agrada e leva a novas interpretações, dotadas de significado.

Dinâmica do Sol: usada para trabalhar a temática da sexualidade, temática sugerida pelas participantes. No primeiro momento foi apresentado ao grupo um círculo grande com a palavra “sexualidade” que é colocado ao centro, sendo entregue para cada participante duas tiras de papel em branco. Foi solicitado que cada uma escrevesse em uma das tiras a primeira palavra

que pensasse a partir do que entende por sexualidade e, em seguida, colocasse na outra tira a primeira palavra que pensasse ao ler o que foi escrito na primeira. Finalizada essa primeira etapa as tiras são colocadas ao redor do círculo, formando um sol, assim pode-se discutir a partir do que foi exposto por elas.

As mulheres trazem ao grupo temas como repressão da sexualidade, pouca informação na adolescência sobre métodos contraceptivos e menstruação, entre outros. Algumas trazem questões mais atuais, expressando como dão sentido para a sexualidade em sua vida. Ao final as participantes dizem que gostaram de poder falar sobre isso no grupo, pois nem sempre conseguem fazer isso em outros espaços.

Dinâmica da folha de papel: usada para fechamento do trabalho do semestre. Foram oferecidas folhas de papel coloridas. Inicialmente as participantes eram convidadas a balançar a folha fazendo o máximo de barulho, depois a amassarem bem o papel, em seguida pressionar mais ainda até formar uma bolinha. Depois pediu-se para que abrissem a folha e balançassem novamente observando o novo formato do papel.

Depois disto feito, um dos coordenadores menciona sobre a metáfora em que somos como este papel: iniciamos no grupo mais enrijecidos, fazendo “muito barulho” nossos pensamentos, angústias, medos (alguns significados trazidos por elas); a fase de amassar o papel é a maneira como fomos lidando, ao longo do tempo, com nosso sofrimento, dando-lhe “uma forma”, dando-lhe sentidos.

Quando o papel é aberto as participantes foram convidadas a observar suas marcas, sua nova maneira de estar, agora menos barulhenta e mais maleável às circunstâncias da vida. Pediu-se para que cada uma pudesse falar sobre como se percebiam, como se identificavam neste processo, “assim, cheia de marcas, é triste olhar” diz uma das participantes.

Ao final com o papel cada uma dá o formato de uma flor, simbolizando aquilo que de melhor puderam fazer com as condições que traziam consigo. As flores são trocadas entre elas, ao som de uma música, simbolizando o valor do trabalho coletivo e a força que cada uma tem para enfrentar/superar as adversidades da vida. Com as flores também foram trocados longos abraços dando forma ao afeto presente no grupo.

Principais desafios encontrados

À medida que se identificou que algumas mulheres já não vinham mais trazendo demandas a serem trabalhadas em grupo terapêutico surgiu um desafio aos estagiários: propor mudanças num grupo que já vinha bastante coeso e organizado. A partir das supervisões

buscou-se pensar em uma maneira de mobilização para resgatar o caráter terapêutico do grupo, de forma que as participantes pudessem aproveitar melhor este espaço.

Para trabalhar com isso verificou-se com as mulheres suas demandas e que papel teria este grupo, que sentidos foram produzidos ao longo do tempo. Foi trabalhado para que se dessem conta da necessidade de repensar o grupo. Num primeiro momento os estagiários levantaram questões que fizessem as participantes pensar sobre suas demandas. Puderam falar sobre o que as motivou a buscar ajuda no grupo, se o grupo contribuiu para a melhora dessas dificuldades, e de que forma, o que ainda poderia ser trabalhado, entre outras questões. Algumas das participantes trouxeram suas demandas iniciais como bem trabalhadas, sentiam-se bem, conseguindo lidar melhor com as situações. De forma geral, as participantes traziam em sua fala que o grupo vinha sendo aproveitado mais como um espaço de interação, momento semanal importante para elas, pois podiam se encontrar e conversar.

Trabalhar o processo de alta foi outro desafio para os estagiários. Foi necessário o diálogo franco e direto com o grupo, propondo um trabalho de autoanálise por parte das participantes, aliado à percepção dos estagiários sobre o processo de cada uma. Isso passou a ser trabalhado próximo ao final do semestre, fazendo com que as participantes pudessem se preparar para o fechamento.

Alguns casos ainda precisariam seguir em atendimento no serviço, assim, junto dos supervisores do estágio foi definido como cada participante seguiria a partir do próximo semestre. Após as discussões em grupo, deu-se uma devolução individual para cada participante, momento muito rico, pois pôde-se fazer uma compreensão do processo terapêutico, as percepções e sentidos construídos por cada uma a partir da experiência coletiva.

Desde que se iniciou o processo de alta com o grupo, foi pontuado a importância de as mulheres seguirem encontrando-se para conversar, mantendo o vínculo de amizade existente como recurso de apoio em outros espaços.

Outro aspecto considerado ao longo do trabalho, foi a construção conjunta no grupo, evitando o papel dos terapeutas como detentores das respostas para as questões apresentadas. Para isso buscava-se a percepção do grupo, priorizando a circulação da palavra e participação ativa das integrantes. Considerando o que é dito por Boris (2013, p.1150) sobre o papel do terapeuta no espaço do grupo, “o psicoterapeuta gestáltico de grupo é um catalisador que integra a energia dispersa dos participantes grupais num sistema comunitário organizado e criativo no sentido de um objetivo “comum”.

O grupo do fim ao começo

Com o término de semestre algumas das participantes do grupo receberam alta, outras foram encaminhadas para atendimento individual ou para outros serviços, e outras permanecem no Grupo Mulheres em Foco, pois ainda trazem demandas para serem trabalhadas neste espaço terapêutico. Ao final do primeiro semestre o Grupo Mulheres em Foco encerrou um ciclo, mas logo que se inicia o semestre acadêmico seguinte, o trabalho foi retomado pelos estagiários e pelas novas integrantes acolhidas pelo serviço. Entram quatro mulheres que se juntam às duas que já vinham da experiência do grupo anterior. Percebe-se que as demandas trazidas por elas ora se assemelham, ora diferem, cada mulher com suas histórias e lutas internas tentando lidar com as dificuldades da vida. Como demandas iniciais as mulheres apresentam questões familiares, sintomas de estados depressivos e ansiosos, questões existenciais, entre outras.

O grupo passa a ter seis integrantes, mulheres com idade entre 43 e 65 anos. Algumas encaminhadas por outros serviços de saúde, outras chegam por demanda espontânea pois já conheciam o trabalho do grupo, visto como espaço de cuidado e de produção de saúde, “quando estou no fundo do poço eu venho pra cá”, dito por M., uma das participantes.

Logo percebe-se que o grupo oferece acolhida, há identificação entre as mulheres, “nós temos dores parecidas” diz L. a uma outra integrante do grupo. Cada uma passa a integrar um novo sistema, agora carregado de questões para serem desvendadas, reconhecidas e transformadas a partir do ambiente coletivo dotado de potência e solidariedade. S., uma das mulheres, diz “aqui é uma família, eu sinto assim”, possibilitando compreender que

O processo grupal é a vida íntima e inteira de um grupo, algo que se forma lentamente e se inicia tão logo duas pessoas se encontram e se propõem algo em comum. Não termina nunca, porque em permanente mudança. É sempre novo, porque é uma coisa viva, transformadora, contida e incontida, mensurável e imensurável, real e simbólica, cheia de evidência e mistério. (RIBEIRO, 1994, p. 33).

O grupo reinicia num outro formato, agora sob uma nova perspectiva, de que o espaço grupal possa estar mais continente, aberto a situações inusitadas, mais afetuoso e integrado, do ponto de vista terapêutico. A estagiária faz uma nova dupla, com outro colega, iniciando o trabalho em um “novo” grupo.

Nota-se que o grupo passa a ter poucas integrantes, algumas mulheres vêm apenas em um ou dois encontros e não retornam mais. Neste sentido o grupo serve ainda como um espaço de acolhimento e de escuta inicial de um processo que ainda é individual. Compreende-se que o grupo ainda está em um processo de reformulação, podendo ser pensado a cada encontro e construído integrando as usuárias do serviço, os estagiários e a equipe.

UM GRUPO PELO OLHAR DA GESTALT-TERAPIA

De acordo com Elaine Kepner (1980), o grupo gestáltico é um recurso eficaz ao trabalhar numa perspectiva sistêmica, abarcando os sentimentos e comportamentos dos indivíduos de forma bastante profunda, assim o grupo é mais do que uma mera soma de indivíduos, são pessoas que passam a afetar e serem afetadas na relação com o meio.

De acordo com Jorge Ponciano Ribeiro (1994, p.41) “o grupo é um microcosmo onde o cotidiano acontece, onde relações negadas ou percebidas se fazem presentes e reconhecidas, onde o amor a si e ao outro se descobre”. Desta forma pode-se observar a forma como as pessoas conseguem expressar-se no grupo, como isso é acolhido, como se dão as interações e afetos, a fim de ampliar um espaço que valoriza a fala, pois “a palavra é um fenômeno, que quando apreendida como um todo na relação, ultrapassa a si mesma e cria a possibilidade de *awareness continuum*”. (RIBEIRO,1994, p.37).

Neste processo, segundo Kepner (1980, p. 20) o terapeuta deve analisar como os indivíduos se relacionam observando os estágios do grupo. Assim, o primeiro estágio conforme a autora, está relacionado a identidade e dependência, neste momento os participantes demonstram a vontade de pertencer, nas palavras da autora “a necessidade de afeição”, ou seja, momento em que chegam e precisam que suas queixas sejam acolhidas. Mesmo que tais fases possam variar conforme o momento ou nem sempre ser facilmente definidas, pode-se observar aspectos parecidos com os apresentados pela autora.

No primeiro semestre, quando as integrantes que frequentavam o grupo por maior tempo já se conheciam a ponto de torná-lo um espaço de convivência, com algumas exceções, as participantes já haviam trabalhado as questões que as trouxeram ao grupo, todavia havia um clima de amizade, facilitando a comunicação entre as participantes. Neste momento se identificou o que Kepner (1980, p. 30-31) chama de estágio de interdependência e intimidade, em que os membros conseguem lidar “cara a cara” com o que estranho ao eu, quando ocorre o contato, pois membros são significativos uns para os outros. De acordo com a autora, nesta fase o terapeuta deve ficar no lugar de consultor, “reconhecer as questões inacabadas que precisam ser resolvidas fora do grupo, bem como “ajudar o grupo a chegar a um término”, o que foi feito.

No segundo semestre do ano, quando o grupo é composto por outras participantes que traziam suas queixas de forma individual, havia uma necessidade maior de fala ainda demonstrando pouca empatia umas com as outras. Segundo Kepner (1980, p. 22), neste momento do grupo, identificado pela identidade e dependência, o mediador tem a função de

criar espaço para a interação, estabelecer o contrato terapêutico, dar legitimidade ao trabalho de maneira sistêmica e integrada.

Para pensar o trabalho do grupo, é relevante considerar os indivíduos de forma mais ampla, observar os diferentes contextos e relações no âmbito vivencial e subjetivo, a partir do que se entende por campo, sendo um conceito importante na Gestalt-terapia. De acordo com Yontef (1998, p. 17),

O campo é um todo, no qual as partes estão em relacionamento imediato e reagem umas às outras, e nenhuma deixa de ser influenciada pelo que acontece em outro lugar do campo. O campo substitui a noção de partículas discretas, isoladas. A pessoa em seu espaço vital constitui um campo.

Ao citar Zinker (2007), Ciornai (2016, n.p.) aponta para algumas regras que potencializam o trabalho de um grupo gestáltico, sendo elas: os integrantes devem “falar na primeira pessoa” evitando generalizações; “responsabilizar-se por si” propiciando aos participantes o entendimento que cada um pode escolher o que expor ao grupo; “compartilhar a experiência presente ao estar no grupo” trabalhando com pensamentos, sentimentos, emoções que aparecem no aqui e agora; “falar diretamente com a pessoa a quem se dirige; escutar as experiências dos outros sem tecer interpretações e relações causais; fazer afirmações no lugar de perguntas”; assim como “respeitar o espaço psicológico dos outros”, entre outras.

Considerando o que os autores apresentam acima, o Grupo Mulheres em Foco dá legitimidade as suas combinações, regras que já existiam, mas ainda não eram registradas pelo grupo. Em um dos encontros as participantes falaram sobre aspectos importantes que poderiam ser colocados como combinações entre elas, para melhorar o trabalho realizado, de forma que todas puderam falar.

Os estagiários mediadores anotaram e trouxeram impresso no próximo encontro, para efetivar a pactuação do grupo. Assim, produziu-se um trabalho de *awareness* grupal: as participantes e os coordenadores tomaram consciência das necessidades e de que modo as satisfaziam, fazendo isso coletivamente.

A proposta do trabalho com grupo visa ressaltar as potencialidades presentes no processo grupal, valorizando os sujeitos em sua individualidade e capacidade de criar novas formas de estar no mundo, numa perspectiva de saúde e satisfação com a vida. Conforme o entendimento de Brito (2015), o indivíduo está saudável quando consegue identificar suas necessidades e buscar estratégias para saná-las de forma criativa e consciente.

De acordo com Cardoso (2009) a intervenção em grupo baseada na Gestalt-terapia pode ser uma estratégia terapêutica bastante eficiente ao considerar os fenômenos que aparecem no

encontro, valorizando o que acontece entre as pessoas, por meio do acolhimento e da escuta, reconhecendo o outro em sua forma genuína e singular de ser.

O TRABALHO COM MULHERES PELO VIÉS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Uma vez que o grupo é composto por mulheres, atendidas num serviço-escola como espaço coletivo de saúde, é necessário entender como são pensados os trabalhos desenvolvidos para este público no âmbito das políticas públicas.

De forma ampla é possível ver que a construção das políticas públicas para as mulheres se dá numa perspectiva da igualdade e autonomia para as mulheres. As políticas que se conhece hoje surgem por iniciativas que valorizam a coletividade, a partir de muita luta dos movimentos ligados à defesa de direitos, que abordam conceito de gênero a partir da ênfase nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais. (BRASIL, 2004).

Considerando o atendimento num serviço comunitário de saúde, é imprescindível que o princípio da integralidade seja pontuado como elemento ligado ao cuidado numa perspectiva humanizada. Conforme Coelho e colaboradores (2009) este princípio deve ser considerado e valorizado, devendo ser parte integrante da prática dos profissionais, cuja atenção também se dá ao compreender as reais necessidades dos usuários, ou seja, uma prática muito mais comprometida que visa ver o sujeito como um todo.

Na atenção à saúde das mulheres, compreendemos a integralidade como a concretização de práticas de atenção que garantam o acesso das mulheres a ações resolutivas construídas segundo as especificidades do ciclo vital feminino e do contexto em que as necessidades são geradas. Nesse sentido, o cuidado deve ser permeado pelo acolhimento com escuta sensível de suas demandas. (COELHO et al, 2009, p. 155).

Outro aspecto relevante é a relação estabelecida entre o serviço-escola e a rede pública de saúde. Observa-se a importância de conhecer os diversos segmentos que compõem esta rede, assim como buscar meios que facilitem a comunicação e parceria entre os serviços. Como exemplo, pode-se citar um caso em que foi necessário realizar o encaminhamento de uma das pacientes para avaliação com o médico psiquiatra do CAPS II, seu local de referência dentro da rede especializada em saúde mental. Os estagiários elaboraram o documento endereçado ao CAPS II explicando o motivo do encaminhamento, fez-se o contato telefônico com o serviço para confirmar a ida da paciente para atendimento, que foi realizado. A paciente segue o acompanhamento em grupo no serviço-escola.

Assim, além de ser possível observar a importância do trabalho em rede, reafirma-se a potência de um grupo terapêutico como ação de saúde mental coletiva voltada às mulheres. Principalmente quando se leva em consideração que a política de atenção integral à saúde da mulher (BRASIL, 2004, p. 64) propõe que as práticas de cuidado em saúde norteiem-se, dentre outros, pela percepção de “sua singularidade e de suas condições enquanto sujeito capaz e responsável por suas escolhas”, ampliando as possibilidades de que tais escolhas possam ser adequadas ao seu contexto e momento de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi um desafio para a estagiária assumir o trabalho com o grupo logo no primeiro semestre do estágio. Principalmente por ser um grupo em andamento que traz consigo um modo próprio de funcionar. O trabalho em parceria com outro colega foi de suma importância, pois ofereceu condições para compreender os processos grupais a partir dos elementos teóricos estudados e das percepções ora parecidas, ora distintas.

À medida que os encontros aconteciam os estagiários coordenadores reuniam-se semanalmente para pensar e discutir as questões que emergiam, assim se deu a construção da prática, também discutida com os supervisores acadêmicos. Este trabalho conjunto possibilitou grande aprendizagem aos estagiários, dando suporte à prática e respaldo ao conteúdo teórico revisto ao longo do trabalho.

A possibilidade de fechar o trabalho de um grupo e abrir outro (novas integrantes), tornou a experiência do trabalho com o grupo ainda mais interessante. Foi possível perceber dois momentos, um de término e outro de início, ambas as fases com duas particularidades que puderam ser pensadas e compreendidas a partir da perspectiva gestáltica no trabalho com grupos. Cabe ressaltar que, embora haja um vasto referencial teórico sobre o assunto, muito se pode criar a partir da elaboração de trabalhos e estudos sobre grupos terapêuticos em serviços-escola, como um amplo espaço de aprendizagem e produção acadêmica.

REFERÊNCIAS

BORIS, G. D. J. B. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1124-1158, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8609>> Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRITO, M. A. Q. Gestalt-terapia na clínica ampliada. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia*. [Recurso eletrônico] São Paulo: Summus, 2015.

CARDOSO, C. L. Grupos terapêuticos na abordagem Gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. abr. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100010> Acesso em: 11 nov. 2019.

CIORNAI, Selma. Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2016.

COELHO E. A. C, et al. Integralidade do cuidado à saúde da mulher. *Revista da Enfermagem*, São Paulo, n. 13, p. 154-160, jan-mar. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ean/v13n1/v13n1a21> Acesso em: 27 out. 2019.

FIGUEROA, Mauro. As técnicas em Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia*. [Recurso eletrônico] São Paulo: Summus, 2015.

KEPNER, Elaine. Processos de grupo gestáltico. Tradução Selma Ciornai. In: FEDER, B.; RONALL, R. (orgs.) *Beyond the hot seat: gestalt approaches to group*. New York: Brunner/Mazel, 1980.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: O processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. São Paulo: Summus, 1994.

STEVENS, John. O. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em Gestalt-terapia*. Tradução: Maria Julia Kovacs e George Schlesinger. São Paulo: Summus, 1977.

UNISC. *Serviço Integrado de Saúde*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2019. Disponível em: <<https://www.unisc.br/pt/servicos-comunitarios/servico-integrado-de-saude>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

YONTEF, G. M. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.